

Educação cartográfica – práxis transdisciplinar no Colégio de Aplicação da Uerj

Mariana Costard (ESDI/UERJ, Brasil)¹

marianacostard@gmail.com

Escola Superior de Desenho Industrial,
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)
Rua do Passeio, 80 – Centro – Rio de Janeiro

Margarida dos Santos (CAp-UERJ, Brasil)

igasantos@hotmail.com

Fernanda Rabelo (CAp-UERJ, Brasil)

fernandafabelo@gmail.com

Colégio de Aplicação da
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CAp-UERJ)
Rua Santa Alexandrina, 288 – Rio Comprido – Rio de Janeiro

¹ Apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

EDUCAÇÃO CARTOGRÁFICA – Práxis transdisciplinar no Colégio de Aplicação da Uerj

Resumo: Este artigo é uma versão revisada do trabalho apresentado no 1o Seminário Nacional Alfabetização sem Cartilha, que foi escrito com enfoque na alfabetização. Neste contexto, traz novas reflexões sobre a experiência transdisciplinar de uma “educação cartográfica”, desenvolvida no Colégio de Aplicação da Uerj (CAp-Uerj), com a participação de diversos profissionais, educadores, estudantes e cidadãos. O projeto utiliza a abordagem cartográfica para combinar diferentes linguagens e campos do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem com crianças do terceiro ano do ensino fundamental. “Rio Comprido, o bairro que nos une” parte do estudo sobre o território onde se localiza a escola, incorporando o desafio pedagógico de estimular a compreensão do mundo e libertação do pensamento para se materializar no encontro entre diferentes saberes e práticas, reunindo pessoas, afetos e desejos, entre os campos da educação, artes, design, geografia, história, arquitetura e urbanismo. A prática pedagógica pautada pela experiência coloca as crianças no papel de pesquisadoras e co-autoras, olhando para assuntos da vida - como a situação da sua própria escola, o bairro e a relação com as pessoas, a cidade e sua construção coletiva - e aprendendo a se situar e expressar de forma integrada, através das palavras mas também de outras manifestações visuais. Dessa forma, se constitui um projeto de copesquisa transdisciplinar construído no diálogo entre as diferenças, que potencializa as existências na produção de outras realidades e de mundo.

Palavras-chave: educação, cartografia, práxis, codesign, copesquisa

CARTOGRAPHIC EDUCATION - Transdisciplinary praxis at the Aplicação College of UERJ

Abstract: *This article is a revised version of the paper presented at the 1st National Seminar on Literacy without a Primer (“Seminário Nacional Alfabetização sem Cartilha”), which was written with a focus on literacy. Here, it brings new reflections on the transdisciplinary experience of a “cartographic education”, developed in “Colégio de Aplicação” of Uerj (CAp-Uerj), with the participation of several professionals, educators, students and citizens. The project uses the cartographic approach to combine different languages and*

fields of knowledge in the teaching-learning process with children in the third year of elementary School. "Rio Comprido, the neighbourhood that unites us" is a project about the territory where the school is located, which brings the pedagogical challenge of stimulating the understanding of the world through the encounter between different knowledge and practices. It puts together people, affections and desires, among the fields of education, arts, design, geography, history, architecture and urbanism. Pedagogical practice guided by experience places children in the role of researchers and co-authors. It encourages them to look at life's issues - such as their own school, the neighbourhood, the people, the city - and learn how to express in an integrated way, through words and other visual manifestations. In this way, a transdisciplinary research project is built up in the dialogue between the differences and potentiate the production of other realities and of the world.

Keywords: education, cartography, praxis, codesign, coresearch

1. Introdução:

Uma primeira versão deste artigo será publicada nos anais do 1o Seminário Nacional Alfabetização sem Cartilha, realizado em Belém do Pará em novembro de 2018, onde o trabalho foi apresentado e discutido. Parte dessa discussão e reflexões posteriores foram incorporadas aqui, além da articulação com o tema do Seminário Design.COM: cartografias, copesquisas e narrativas.

O projeto desenvolvido no Colégio de Aplicação (CAp) da UERJ utiliza a abordagem cartográfica para combinar diferentes linguagens e campos do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem com crianças do terceiro ano do ciclo fundamental. “Rio Comprido, o bairro que nos une” parte do território onde se localiza a escola, para o encontro entre diferentes saberes e práticas, reunindo pessoas, afetos e desejos, entre os campos da educação, artes, design, geografia, história, arquitetura e urbanismo. A prática pedagógica pautada pela experiência coloca as crianças no papel de pesquisadoras e co-autoras do projeto, olhando para assuntos da vida - como a situação da sua própria escola, o bairro e a relação com as pessoas, a cidade e sua construção coletiva - e aprendendo a se situar e expressar de forma integrada.

A experiência transdisciplinar aqui relatada responde aos desafios pedagógicos pautados por uma educação libertadora (Freire, 1987), de estimular a compreensão do mundo e libertação do pensamento por meio das palavras e de outras dimensões da linguagem, formando sujeitos reflexivos e críticos, capazes de construir novas formas de ser e viver.

2. O desafio da prática pedagógica

Encorajar as crianças a expressarem o sentimento do mundo e dizê-lo com suas próprias palavras, a partir das diferentes linguagens, se constitui um grande desafio para os educadores. As palavras são encharcadas da experiência, marcadas pelos prazeres e dificuldades da vida nos espaços que habitam. Entendemos que a palavra pode ser um poderoso meio para compreensão e transformação de realidades, concordamos com Freire (1987): “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo”. Acreditamos que esse exercício de compreensão, expressão e libertação do pensamento precisa compor o currículo pedagógico desde o início da vida escolar.

Por onde pode começar uma prática pedagógica pautada pelo “mundo da experiência” (Maturana, 1995)? Como pode ser uma ação docente interessada em “aprender-ensinar” (Alves, 2001) à criança a compreender o que sente, o que vê, o que lê, o que faz, o que lhe acontece

desde pequena? Quais linguagens, para além da linguagem escrita, podem contribuir para o processo de compreensão e expressão dos saberes das crianças em torno dos diversos temas relacionados à vida?

Consideramos fundamental compreender a importância de conversar com as crianças desde a classe de alfabetização sobre assuntos relacionados à vida cotidiana. São os primeiros passos no processo de compreensão do que lhes acontece, a partir dos diferentes usos e expressão da palavra. Pensamos e sentimos assim, apoiadas nos estudos de Walter Benjamin sobre a infância, citado por Ribes (2012): “(...) não havia nada que não pudesse ser conversado com as crianças, desde que lhes tocasse o coração porque, segundo ele, também não há nada existente na esfera social que não afete as crianças”.

De fato, a “experiência” (Larossa, 2002) que estamos a compartilhar corrobora com esta afirmação, relato da prática pedagógica junto a crianças com idade entre 6 e 9 anos, que iniciaram a vida escolar em meio a um difícil processo de sucateamento de nossa instituição. Como não conversar com elas sobre a crise institucional (falta de professoras, suspensão das aulas de música, artes e educação física por falta de segurança, restrição do uso de diferentes espaços devido à falta de limpeza) e problemas que comprometiam as condições objetivas para o trabalho pedagógico, que afetavam duramente sua vida escolar?

O diálogo está na base da nossa práxis (Freire, 1987) – essa prática dialógica no cotidiano escolar, que estimula a ação e a reflexão contínuas sobre as questões da vida e do mundo que habitamos. Através do diálogo permanente e da construção coletiva do conhecimento, buscamos a formação de sujeitos ativos, críticos e reflexivos, que possam “ler” o mundo, criar seus próprios sentidos e transformar suas vidas (Freire, 1987).

Além disso, é preciso rever métodos de ensino-aprendizagem em uma sociedade da informação que se transforma incessantemente. Segundo Libâneo (2006), a escola é espaço de síntese entre a cultura formal e a experienciada, cuja função social e política passa por prover “condições cognitivas e afetivas para que o aluno aprenda a atribuir significados às mensagens e informações que recebe”, mas também assumir a condição de sujeito do próprio conhecimento em sua individualidade e identidade cultural, para se formar cidadão participante em todas as instâncias da vida social contemporânea. Para isso, constitui-se um desafio para os educadores reconhecer as diferenças e não esconder o conflito, valorizar a experiência estética e artística, a capacidade de se expressar, abrir-se para o mundo. Diante da complexidade dos novos sistemas de produção e interesses concorrentes diversos, com imenso volume de informações disponíveis e

meios de comunicação, a escola precisa rever seus métodos, as formas de educar, ensinar e aprender. O aluno não pode ser um depósito de conteúdos, mas deve aprender a pensar: investigar, argumentar, julgar, formular, comunicar, compartilhar; deve aprender a fazer uma leitura da imensa informação que recebe e se modifica a cada instante (Libâneo, 2006).

3. Rio Comprido, o bairro que nos une

Entre os diferentes aspectos da vida que trazemos como temas geradores para a escola, está o lugar que habitamos e construímos - as cidades e bairros. No CAp-Uerj, o estudo do Rio Comprido, bairro onde se localiza a escola, é um componente curricular do 3º ano de escolaridade. Um dos objetivos é aproximar as crianças de sua história pouco conhecida, que abarca momentos de prestígio, revelados nas marcas presentes em sua arquitetura, e grandes transformações urbanas (impacto da construção de um túnel e um viaduto, formação de favelas, etc).

Desde o segundo ano do ensino fundamental, onde se dá prosseguimento à alfabetização, foram realizadas rodas de conversas sobre os lugares em que os estudantes moravam, a grande maioria em outros bairros do Rio de Janeiro, e suas relações com o bairro da escola, evidenciando as relações geográficas-afetivas. Dessa forma, a pesquisa foi se construindo a partir dos interesses das crianças, orientada por suas perguntas e curiosidades:

Como o CAp-UERJ chegou aqui? Como descobriram esse lugar? Como é lá pra cima, no morro? Como foram feitas as ruas e lojas? Como essa escola cresceu? Gostaria de saber sobre o canal do Rio Comprido. Desde quando foi descoberto o Rio Comprido? Como nasceu o meu bairro (Rio Comprido)? Quantas pessoas são moradoras de rua no bairro da escola? Como a praça e a padaria foram construídas? Esse bairro é muito grande? Como surgiu a idéia de construir esse bairro? Como esse bairro surgiu? Quem inventou esse bairro? O que o Rio Comprido tem de importante?

As conversas com as crianças em torno das perguntas e a busca de possíveis respostas abriu para a necessidade de um diálogo ampliado com outros campos do conhecimento. A parceria com pessoas de diferentes interesses e saberes gerou uma rede de solidariedade que ficaria submersa se não tivesse sido “afetada” (Larossa, 2002) pelos diversos sentidos que mobilizavam as crianças da turma 31. São elas: Larissa (bolsista, estudante de geografia), Mariana (tia do estudante Mateus, designer, moradora e pesquisadora do Rio Comprido), Fernanda (professora de artes), Guto (arquiteto com pesquisa no bairro), um grupo de mulheres moradoras e ex-

moradoras do bairro (avós, mães, tias, madrinhas, primas, amigas), Paula (estudante de pedagogia) e Sheila Castello (historiadora e ex-moradora do Rio Comprido).

O encontro desses diferentes atores em torno do território, pessoas com diferentes bagagens e interesses, unidas por um assunto de interesse comum, deu nome do projeto de pesquisa e ensino-aprendizagem: “Rio Comprido, o bairro que nos une”.

Neste, as crianças assumiram um papel de pesquisadoras e coautoras: anotaram intenções de estudo, escreveram cartas-convites, aprenderam a arte de perguntar, se desafiaram a conversar revelando seus saberes, dúvidas, desconhecimentos e interesses, leram diferentes tipos de texto, aprenderam diferentes formas de compartilhar as suas descobertas na turma e fora dela, leram e produziram seus primeiros mapas, produziram seus primeiros banners, se aproximaram de diferentes fontes da história oral e escrita, buscando informações que alimentavam as conversas. Todas essas atividades constituíram exercícios de pensamento que deram sentido ao processo de apropriação da leitura e da escrita, sem abandono das práticas de oralidade e valorização do desenho, entre outras formas de expressão do conhecimento; ações em que diferentes linguagens estavam presentes.

4. Educação cartográfica

Diante dos desafios pedagógicos de se trabalhar com uma diversidade de assuntos, atores e linguagens, fez-se necessário também explorar novos métodos de pesquisa e ensino-aprendizagem. A abordagem cartográfica atravessou todo o projeto, não “apenas” como modo de ler o território, mas como método processual que se construiu ao longo do caminho, alimentou a pesquisa colaborativa, problematizou as questões levantadas, deu visualidade e expressão às diferenças, borrando as fronteiras entre pesquisadores e pesquisados.

Para os autores das “Pistas do método da cartografia” (Passos et al, 2009), a cartografia reverte o sentido tradicional de método, de “caminhar para alcançar metas pré-fixadas”, para um caminho que vai sendo traçado sem prescrições, cujas metas se constituem ao longo do percurso. A cartografia acompanha esses processos de produção e conexão de redes; ela caminha junto com o “objeto”, imergindo no plano da experiência. Dessa forma, conhecer é fazer junto, pesquisar é intervir.

A primeira aproximação da turma 31 com o método cartográfico se deu no contato com mapas, conduzido pela bolsista estudante de Geografia - Larissa. Foram feitas leituras de diferentes mapas e a construção das

primeiras cartografias pelas crianças, indicando os percursos de casa até a escola.

Havia vontade de se realizar uma expedição pelo bairro como parte do projeto, mas o momento de crise institucional e o clima de violência no bairro, no início de 2017, impossibilitou a realização. A equipe de professoras do 3º ano decidiu então realizar uma “expedição virtual” pelo Rio Comprido, fazendo uso do Google Earth. Assistimos alguns vídeos sobre o bairro, realizamos debates e algumas oficinas de leitura e produção de mapas.

Com a aproximação da pesquisadora Mariana Costard (designer, doutoranda da Esdi/Uerj), esse desejo foi se tornando possível. Moradora do bairro, apresentou sua pesquisa de mestrado sobre o Rio Comprido, compartilhando seu conhecimento da vivência pessoal e trocando impressões e questionamentos com as crianças, num encontro realizado com as três turmas de terceiro ano ao mesmo tempo. Num outro momento, dessa vez com cada turma em separado e pensando mais sobre o território urbano, propôs uma oficina de cartografia participativa, buscando a troca de conhecimentos sobre o bairro e construir a expressão de uma imaginação coletiva. O exercício sobre permitiu a visualização de questões, a identificação de problemas e o compartilhamento de diferentes saberes cotidianos entre os alunos e a pesquisadora.



Figura 1

Ao longo dos encontros, discutimos e negociamos os lugares que visitaríamos na expedição pelo bairro, que percurso seguiríamos e o que possivelmente seria visto. Além dos pontos históricos do bairro como a Casa do Bispo e a Igreja de São Pedro, outros pontos foram surpreendentemente sugeridos pelos alunos por lhes despertarem a curiosidade, como o Chalé da Vovó, uma casa de repouso para idosos cuja fachada reproduz um chalé aos moldes europeus com o letreiro também em madeira bem grande. Esse roteiro representaria não somente o que conheciam historicamente mas também aquilo que veem em sua experiência cotidiana e que constitui uma ideia sensível sobre o bairro.

Esse método cartográfico de pesquisa - que não apenas conhece e reconhece o bairro pela história oficial, mas que também cria o próprio lugar à medida que o investiga, através das relações de interesses que os alunos estabeleceram - é muito cara ao ensino e aprendizagem, pois modifica a relação entre sujeito e objeto de pesquisa. Em vez de provocar que os alunos dominem o conhecimento sobre o Rio Comprido, são

instigados a se engajarem na produção dos modos de conhecimento sobre o bairro, portanto, não se tratando aqui de uma pesquisa apenas sobre o lugar mas no próprio lugar, inventando o bairro, maneiras de olhar, de estar no mundo e a própria realidade.

De acordo com Ana Clara Torres Ribeiro (2012), a cartografia da ação “se faz fazendo”, praticada e incompleta, portadora de sentidos e visões de mundo, que tenta compreender e representar o movimento da sociedade, das lutas e desejos, como ferramenta analítica mas também de sustento da memória, da construção do espaço pelo sujeito e seus gestos (Ribeiro, 2012).

4. Embarque nessa expedição!

A leitura compartilhada dos textos históricos e jornalísticos coletados em jornais e na internet foram de extrema importância, com destaque para as produções da historiadora Sheila Castello, recheadas de imagens do Rio Comprido através dos tempos. Antiga moradora do bairro e apaixonada por sua memória, Sheila também contribuiu com histórias e curiosidades, que utilizamos para compor as narrativas ao longo do trajeto. Fizemos uma expedição pelo bairro com estudantes das três turmas do 3º ano (48 crianças), professoras e mães, além de outros parceiros (Guto, Cacá, Steferson).

Saindo do CAp, observamos o prédio que a escola ocupa desde 1998, possivelmente antiga residência do Marechal Floriano Peixoto, no século XIX. A vila amarela, logo em frente, foi residência do Conselheiro Mayrink e propriedade do Visconde de Itamarati, em 1879. Ali trabalhavam pessoas escravizadas e o terreno contava com uma senzala, jardins e acessos para carruagens. No terreno da Light, ao lado, há um trecho preservado do Aqueduto da Lagoinha, que captava água em Santa Teresa e distribuía pela região do Rio Comprido e Catumbi. Inspirados pela rica história do bairro e imaginando esses cenários de outros tempos, fomos descendo a rua Santa Alexandrina e chegamos à praça Condessa Paulo de Frontin, antes chamada Largo do Rio Comprido (1875). Seu chafariz neoclássico em ferro fundido foi construído na França e é tombado pelo patrimônio histórico; passou um tempo em Vila Isabel e foi instalado no bairro em 1977. A praça era circulada por bondes, cujos trilhos ficaram visíveis e foram recobertos em obras recentes.

Em frente à praça, as crianças foram curiosas conhecer outra escola do bairro, mas não foi possível entrar. A Escola Pereira Passos foi fundada em 1922 e abriga um busto do prefeito homenageado, além de 650 alunos residentes das comunidades do entorno. Pereira Passos é conhecido pela

grande reforma urbanística na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, anterior às construções que viriam alterar a dinâmica do Rio Comprido para sempre. Rio Iguassu em outros tempos, de água limpa e navegável, foi canalizado e retificado, junto à obra da Avenida Paulo de Frontin, inaugurada em 1919. Entre os anos 20 e 60, o bairro teve seu momento de grande valorização, acabado com a construção do Túnel Rebouças (1967) e do Elevado (1971), que aproximou o subúrbio carioca da zona sul da cidade, transformando o Rio Comprido em bairro de passagem. A enorme cicatriz urbana percorre toda a extensão do bairro e contribuiu para a degradação ambiental e ruptura social que vemos hoje.

Da praça, seguimos para a Igreja de São Pedro, Casa do Bispo e Seminário São José. Ali descobrimos algumas curiosidades e fomos transportados até o período colonial, com uma das construções mais antigas da cidade - a Casa do Bispo, datada do início do sec. XVIII, tombada pelo patrimônio histórico e em excelente estado de conservação (hoje pertence à UniCarioca). A Igreja colonial de São Pedro, antigamente localizada no centro da cidade foi demolida com a abertura da Av. Presidente Vargas e então transferida para o Rio Comprido, preservando algumas peças históricas que pudemos ver de perto durante uma parada para o lanche. A chuva começou a apertar e apressou a nossa caminhada, em subida pela Avenida Paulo de Frontin até a Fundação Cesgranrio, onde as crianças tiveram uma conversa, fizeram anotações e assistiram a uma peça de teatro. Finalizamos a expedição passando pela Ladeira Sousa Doca e pelo Chalé da Vovó, nossa última parada. Ali vivemos um breve encontro geracional. Entre abraços, apertos de mão, pedidos de benção, sorrisos e lágrimas, a criança ofereceu cartões com mensagens de reconhecimento e esperança para aquelas mulheres marcadas pelo tempo.



Figura 2

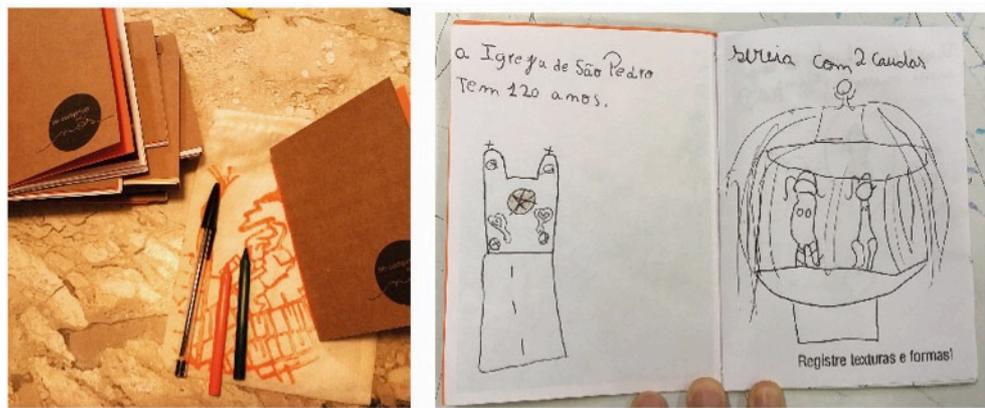


Figura 3

Para essa jornada, as crianças receberam um kit para estimular o registro de suas percepções, com caderninho, caneta e lápis-cera, guardados numa pequena bolsa de algodão. Observando seus desenhos e anotações, preocupados em cumprir as orientações dos professores que diziam para registrar o que fosse importante e chamasse mais atenção em forma de tópicos ou breves desenhos, percebemos o quanto os seus olhares escapavam desses princípios técnicos e desdobravam infinitamente e de forma muito poética a compreensão sobre o bairro.

5. Linguagens para “ler” o bairro e produzir lugares

As aulas de artes tornaram-se oficinas de produção sobre essa experiência de estudo e vivência no bairro. O diálogo e o debate sobre as questões da pesquisa e das suas escolhas estéticas passaram a acontecer, mesmo que de modo fragmentado e sob uma atmosfera agitada. As ações ganharam motivo, sentido e poderiam ser analisadas como experiência e gerar reflexões sobre aquele processo. A possibilidade de trabalhar com um grande tema de maneira integrada com outros professores também alarga as percepções sobre as nossas práticas e os alunos.

A atividade que se seguiu à expedição teve como proposta, da professora Fernanda Rabelo e da pesquisadora Mariana Costard, a criação de cartões-postais do bairro do Rio Comprido, que cada criança produziu a partir de seus interesses e desejos, escolhendo o lugar que mais chamou sua atenção e experimentando técnicas e ferramentas diversas sua construção.

Ao longo de quatro aulas, conversamos com cada uma sobre o lugar escolhido, o porquê dessa escolha, qual a importância no bairro e para ela, como gostaria de representar e mostrar para “o mundo”. Experimentamos lápis, canetas, cores, colagens, carimbos para uma construção gradual do seu “cartão postal”, um objeto de memória daquela experiência, que depois poderia ser compartilhada com outras pessoas.



Figura 4

Ainda durante as aulas de artes, tivemos também uma oficina sobre cenários futuros com foco no elevador Paulo de Frontin, por mais quatro aulas, com a participação do arquiteto Guto Santos, integrante do Coletivo Baixo Rio, que atua no bairro do Rio Comprido. Iniciamos com conversas sobre o espaço público para embasar a elaboração coletiva de maquetes com ideias para a área do viaduto, no sentido de provocar a imaginação dos alunos de forma engajada: “Se você pudesse usar, construir ou transformar o

elevado e o espaço que ocupa no bairro, o que você faria?”. Para além de um exercício de imaginação, essa também seria uma forma de envolvê-los ativamente no processo de concepção do espaço público.

O elevador Paulo de Frontin é uma grande via de acesso para quem se desloca entre as zonas norte e sul da cidade e estabelece uma dinâmica peculiar no bairro. Além de se impor à paisagem como uma grandiosa construção, divide o bairro em dois lados, cria um corredor de sombra na Av. Paulo de Frontin e é responsável pelo intenso barulho produzido pelo alto fluxo de carros. A sua existência é questionável e, assim, quando isso é colocado para os alunos, desnaturaliza-se também a própria conformação do bairro. A ideia era produzir uma grande maquete do elevador, desnaturalizando suas funções e criando questões e soluções para este lugar. Os alunos foram divididos em duplas que montaram os seus viadutos, a partir de uma orientação única. No final da primeira fase, todos tinham viadutos iguais com colunas de isopor e base e cobertura de papelão. A partir disso, cada dupla criaria com materiais diversos os seus projetos para o espaço.

Os projetos eram bem variados, e, assim como nas produções anteriores, estimulamos e valorizamos todas as suas investidas, sem passar por qualquer julgamento de certo e errado, apenas questionando as suas ideias e criando juntos meios para que pudessem ser expressadas nas maquetes. Por exemplo, no projeto de Bia e Maria, as pessoas poderiam transitar entre a parte mais alta do elevador e a mais baixa. Perguntando como poderiam se deslocar assim, se através de escadas ou rampas, chegando à conclusão de que um elevador seria melhor pois permitiria o acesso de cadeirantes e idosos. Em outro caso, a solução dada pelo aluno para a mesma questão foi disponibilizar naves que voariam transportando as pessoas. Construimos elevadores de papelão e embalagens plásticas que subiam e desciam com a ajuda de um barbante, naves com caixa de remédio e escadinhas de papel.

Foi interessante observar o processo de concretização de suas ideias. A grande maioria olhava um pedaço de plástico ou qualquer objeto ou sucata que gostaria de usar e já projetava nele o que seria, sem querer modificá-lo. Provocar e sugerir o movimento de transformação do objeto de modo que comunicasse para o outro as suas ideias, construindo juntos passagens que dessem vazão ao mundo interno de cada um foi desafiador e muito potente. Em princípio, muitos resistiam em arriscar interferir num material “pronto” (embalagens, sucata, etc). Incentivar e insistir que tivessem paciência para analisar os materiais e construir as soluções foi fundamental para que dessem esse passo criativo adiante. Quando outros

colegas reconheciam as suas produções, era notável a satisfação e percepção sobre as próprias capacidades de construir diálogo através dos objetos.

Os projetos foram ganhando materialidade: parque aquático que aproveitava a água do rio que passa ao longo da Av. Paulo de Frontin, campo de futebol que é ao mesmo tempo pista de pouso de aeronaves, palco para shows de rock, pista de skate, livre circulação de animais, jardins, casa de pokémon, para todas essas ideias foram criadas alternativas que aproveitassem o viaduto. Houve até quem tirasse a cobertura do elevador para que pudesse colocar uma torre de observação bem alta no lugar ou fizesse nevar no Rio Comprido com raspas de isopor.

A subversão da lógica do bairro e criação de tantas outras através da concretização dos próprios projetos permite que o aluno experimente a sua vivência como linguagem, seus corpos, trajetos, pontos de vista, espaços e significados como construções individuais e coletivas. Dessa forma, também passam a se perceber como produtores de realidade e esta como algo passível de transformação e não algo pronto e encerrado.

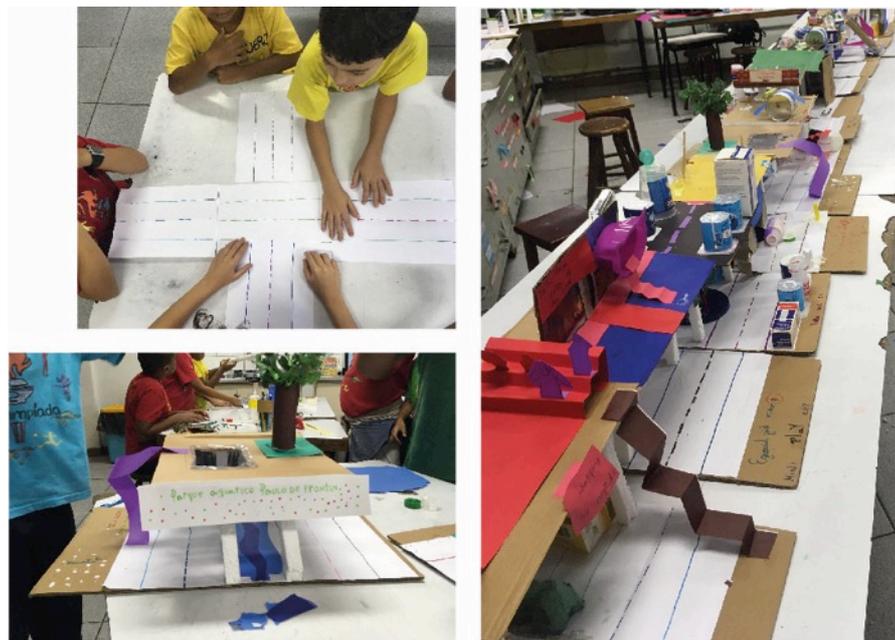


Figura 5

6. Outros desdobramentos

Em paralelo, nas aulas da professora Margarida da turma 31, outras atividades foram desenvolvidas sob a temática do bairro. Numa Roda de Conversa com moradoras do bairro, ouvimos diferentes visões e versões sobre seu passado, problemas e potencialidades, dentre elas a polêmica em

torno do viaduto que atravessa o bairro, aproximando as crianças da ideia de que cada lugar tem sua história de construção realizada por homens e mulheres.

Numa outra aula, junto com a estudante de geografia Larissa Rosa, construímos um mapa “gigante”, refazendo o trajeto feito na expedição, com o pontos por onde passamos sinalizados e cartas referentes a cada ponto, contendo informações sobre os lugares (Praça, Escola, Igreja, Viaduto, etc.). Cada carta foi elaborada por um ou mais alunos e todos participaram da construção coletiva desse enorme mapa, remontando à memória de cada um e retomando questões surgidas ao longo do processo. Representamos também a mata que pode ser observada ao redor desse trecho do bairro e moradias como as favelas que existem ali por perto.



Figura 6

Todas as atividades tiveram desfecho num sábado ensolarado com dois eventos ocorrendo simultaneamente: o Café Literário, no CAP, e a festa de aniversário de 134 anos do Rio Comprido, no largo e ruas adjacentes. A atividade do CAP acontece todo ano com a participação de outras turmas e o terceiro ano pôde apresentar seu aprendizado e descobertas durante essa intensa jornada pelo bairro. Contamos com a participação da historiadora Sheila Castello, que contou histórias a partir de imagens antigas e conversou com os alunos. O evento na praça reuniu diversas atividades e grupos que atuam no bairro, além de serviços de assistência social. Montamos uma barraca para expor a pesquisa coletiva e recolher novas impressões sobre o bairro, através de cartões com perguntas e frases disparadoras, respondidas por algumas pessoas que ali paravam para conhecer o trabalho. As crianças foram até a praça e ficaram um tempo na barraca, onde puderam conversar com moradores e transeuntes, protagonizando a autoria da pesquisa.

Os dois eventos foram conectados por um longo fio, que fomos enrolando pelo caminho, desde a escola até a praça. Passamos por postes,

portões, muros, pelo chão... E prendemos ao longo do fio fragmentos do nosso trabalho: cartões postais, frases e desenhos que as crianças fizeram, folhetos preparados para o evento, fotografias antigas do bairro, cartões interativos... A ideia era criar uma conexão entre a escola e a praça e marcar a presença no bairro, mostrando a pesquisa para a maior quantidade de pessoas possível: contar sobre toda aquela história que havíamos descoberto juntos, sobre as questões e problemas do bairro, os lugares interessantes para conhecer, as pessoas que ali vivem e viveram, os caminhos possíveis que imaginamos juntos. Literalmente, abrimos a escola para a rua, para o bairro para o mundo.



Figura 7

8. Considerações finais

O projeto aqui apresentado não pertence a uma pesquisa específica, está relacionado a diferentes perspectivas e interesses que descobriram nesse encontro desejos e modos de fazer comuns, com aprendizados inúmeros e transformações possíveis nas suas próprias práticas. De modo transversal a essa experiência, há uma pesquisa de doutorado em design em andamento, que trazemos para articular com as temática do Seminário Design.COM.

“Rio Comprido em Nós” é um projeto iniciado no mestrado da pesquisadora Mariana Costard e ainda em desenvolvimento durante seu doutorado. Explora o design como modo de investigação coletiva sobre a cidade entre diversas dimensões e perspectivas, utilizando ferramentas e métodos colaborativos para provocar diálogo, reflexão crítica e imaginação compartilhada sobre as questões locais e alternativas possíveis. Com trabalho de campo localizado no bairro do Rio Comprido, tem atuação engajada com a comunidade envolvente desde 2014 e busca atuar em correspondência (Gatt e Ingold, 2013) às dinâmicas e fluxos locais, das pessoas, relações e projetos que acontecem no bairro, numa prática combinada entre o design e a antropologia - design anthropology (Otto e Smith, 2013). Em sintonia com uma educação que busca construir uma consciência crítica e libertadora (Freire, 1987), a abordagem do design aqui explorada tem interesse na relação com a antropologia e a educação, uma que corresponda às coisas e fluxos do mundo, com percepção ampliada e consciência viva, por um caminho de crescimento e descoberta conjunta, de transformação criativa e coletiva, em direção à liberdade e autonomia (Ingold, 2017).

Esse trabalho foi desenvolvido e aqui relatado por muitas mãos e diferentes narrativas, num processo de construção coletiva por diferentes pessoas, crianças e adultos, cidadãos e profissionais de diversos campos do conhecimento, num encontro entre escola e comunidade. As atividades realizadas tiveram esforço sinérgico e conjunto da geografia, da história, das artes, da arquitetura e do urbanismo, sem limites bem definidos de onde começa e onde termina a atuação possível de cada disciplina envolvida. Dessa forma, interpretamos como uma experiência transdisciplinar, na qual o design se envolveu e atravessou diversos momentos, construindo pontes e articulando ações conjuntas entre os diferentes campos e saberes.

Acreditamos que a educação dos alunos se constrói quando há o reconhecimento das relações possíveis entre todas as instâncias das nossas vidas, quando o mundo significa em nós. Para isso, compreender a necessidade da constituição de um projeto que integrasse professores, familiares, pesquisadores e alunos e fosse atravessado por uma abordagem cartográfica foi fundamental pois, para além do estímulo a um trabalho intelectual e mental, foi incentivado que experienciassem com presença, corpo e desejo as suas pesquisas.

Os processos de trabalho - abertos a tipos diferentes de dinâmicas e materiais, provocando a percepção e invenção de linguagens que traduzissem e inventassem a relação entre estudantes e os demais envolvidos e o bairro - foram responsáveis pela dissolução entre eventuais

fronteiras que separariam sujeitos e objeto ou teoria e prática. Implicar a todos, considerando e dialogando com as suas diferenças, em processos de ensino e aprendizagem é potencializar as existências individuais e coletivas na produção de outras realidades e de mundo.

Referências

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho- o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas** In. OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES (orgs.) Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes e saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000 [1987].

GATT, Caroline; INGOLD, Tim. **From description to Correspondence: Anthropology in Real Time**. In: Design Anthropology: Theorie and Practice. Ed: Gunn, Wendy; Otto, Ton; Smith, Rachel. p. 175-198. Bloomsbury, 2013.

INGOLD, Tim. **Anthropology and/as Education**. Routledge, 2017.

LAROSSA, Jorge. **Nota sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Editora Autores Associados, nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr-2002.

LIBÂNIO, José Carlos. **A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã**. A escola tem futuro, v. 2, p. 11-22, 2006.

MATURANA, Humberto & VARELLA, Francisco G. **A árvore do conhecimento**. Edytorial PSY, 1995.

OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte. **Design anthropology: A distinct style of knowing**. Design anthropology: Theory and practice, p. 1-29, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; et al. **Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação**. Revista ReDobra, v. 9, p. 22-29, 2012.

RIBES, Rita Marisa Pereira. **Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior**. In: MACEDO, Nélia Mara Rezende & RIBES, Rita Marisa Pereira [orgs]. *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

Como citar

COSTARD, Mariana; SANTOS, Margarida dos; RABELO, Fernanda.
EDUCAÇÃO CARTOGRÁFICA – Práxis transdisciplinar no Colégio de Aplicação da Uerj. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Design.com, V. 11 N. 1, julho 2018. pp. 85-105. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.